



REPORTAGEM ESPECIAL

Precaução em tempos de emergência climática

Diante da ocorrência de chuvas em um volume sem precedentes no Rio Grande do Sul nos últimos 83 anos, e que devastaram bairros inteiros em centenas de cidades gaúchas, empresas com diferentes níveis de estruturação e preparo para emergências tiveram testadas suas capacidades de mitigação de danos. Em uma realidade onde a emergência climática é um cenário permanente, gestores de negócios de todos os portes e segmentos terão de aprimorar e atualizar o gerenciamento de riscos, atuando em conjunto com toda a sociedade para evitar alguns dos piores desdobramentos da tragédia, como a evasão de mão de obra e o encerramento de atividades.

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 9

Enfrentando a tragédia no RS: como superar desafios e manter a produtividade

Luciene Scherer

Palestrante, Educadora corporativa e Consultora de Empresas

Recentemente, o Rio Grande do Sul, onde vivo e atuo como consultora, tem enfrentado uma das mais devastadoras tragédias da sua história. Acompanhar de perto esse cenário de destruição tem sido o maior desafio da minha carreira.

As imagens de um estado em ruínas estão por toda parte – basta ligar a televisão ou acessar as redes sociais. As notícias são desoladoras, mostrando a falta de necessidades básicas como comida e abrigo. Muitos gaúchos estão sem o essencial para a sobrevivência e o inverno já está aqui.

Em meus treinamentos de inteligência emocional, sempre menciono a pirâmide de Maslow. Proposta por Abraham Maslow em 1943, a teoria identifica cinco categorias de necessidades humanas: fisiológicas, segurança,

afeto, estima e autorrealização. Na base dessa pirâmide estão os elementos primordiais para a sobrevivência. Infelizmente, estamos aqui com todas as necessidades atingidas, mas a necessidade mais básica é a principal preocupação neste momento que nos encontramos hoje no RS.

Além disso, estima-se que 700 mil micro e pequenas empresas foram severamente afetadas pelas enchentes, especialmente no Vale do Taquari, na Serra e na Região Metropolitana de Porto Alegre. Estes CNPJs, eram responsáveis por suprir as necessidades básicas de inúmeras pessoas em nosso Estado.

Diante de tanta tristeza e caos, muitos tem me perguntado, como podemos retomar a concentração, o foco e manter a produtividade? O desafio é imenso, mas algumas estratégias podem ser cruciais para a reorganização mental neste momento tão difícil.

5 Dicas para Reorganização

Mental e Manter a Produtividade:

- Envolver-se no Trabalho Voluntário - O voluntariado pode trazer um sentido de propósito coletivo. Planejar ações em conjunto com amigos ou grupos comunitários permite entender que o problema do outro pode ser maior que o nosso, despertando um sentimento de gratidão e utilidade. Além disso, investir tempo ajudando os outros pode ser extremamente recompensador.

- Defina Prioridades e Objetivos de Curto Prazo - Estabelecer prioridades é o primeiro passo para reorganizar a mente. Pergunte-se: O que é mais importante neste momento? O que pode ser negociado ou ajustado? Escreva três prioridades para a sua semana e concentre-se nelas.

- Faça um Plano de Ação de Curto Prazo - Identifique ações que possam ser realizadas com pouco esforço e energia. Pense em três ações para os próximos três meses. Pequenas conquistas

podem criar uma sensação de progresso e controle.

Ative sua Capacidade de Escuta - Converse com sua rede de relacionamentos e escute as pessoas verdadeiramente. Ofereça ajuda e coloque-se no lugar dos outros. A empatia fortalece os laços e pode ser um grande apoio emocional.

Recomece com Resiliência e Reinvente-se: Avalie suas habilidades e oportunidades, pense na sua carreira. Sempre há uma maneira de recomeçar. Faça uma lista das suas principais habilidades e pergunte-se como elas podem ser úteis neste momento. Reinventar-se pode abrir novas portas e caminhos.

Somente somos fortes quando temos a certeza de que ser forte é a única opção. Juntos, podemos superar este momento difícil e reconstruir um futuro melhor para todos. Vamos transformar a tragédia em uma oportunidade de crescimento e solidariedade.



Além disso, estima-se que 700 mil micro e pequenas empresas foram severamente afetadas pelas enchentes, especialmente no Vale do Taquari, na Serra e na Região Metropolitana de Porto Alegre

Por que falar sobre os sistemas de gestão comercial e a integração entre eles?

Helen Toyama

CEO e fundadora da Persone

Em dias que a tecnologia está cada vez mais presente nas operações de uma empresa, a capacidade de coletar e analisar dados se tornou ainda mais essencial para o processo comercial, que já não é só comunicação e layout, e sim uma ciência. A integração entre os sistemas de gestão utilizados pelas áreas de marketing e comercial é decisiva para que tenhamos uma visão sistêmica de todo processo de vendas.

Um dos principais pontos a se considerar é a importância dos dados e indicadores no processo. O uso de sistemas de gestão permite um controle mais preciso sobre o fluxo de leads, conversões e resultados das campanhas de marketing. Por meio da análise desses dados, as instituições podem estimar volume de leads,

tamanho da equipe e os esforços necessários ao atingimento das metas.

A integração entre os diferentes sistemas utilizados pela instituição garante uma perspectiva completa do processo comercial. Ao integrar as plataformas de gestão de campanhas de performance digital, automação de campanhas, gestão do relacionamento com o cliente e Omnichannel, as instituições podem acompanhar o ciclo de vida do aluno desde a geração de lead até a matrícula, permitindo uma análise mais detalhada do desempenho das campanhas e a identificação de pontos de melhoria.

No entanto, esse processo também impõe desafios para as instituições de ensino. Um dos principais obstáculos é o “desconhecimento” das tecnologias disponíveis e de como integrá-las de forma eficaz. Além disso, o ideal é

ter uma equipe dedicada e capacitada para operar tais tecnologias, a fim de garantir a utilização correta das funcionalidades.

Outro desafio é o investimento necessário para adquirir e manter esses sistemas. Ferramentas como plataformas Omnichannel, CRM ou de Inbound Marketing podem ser caras, o que representa um desafio para instituições com orçamentos limitados, principalmente aquelas de pequeno e médio porte. No entanto, a falta de eficiência no processo de captação de alunos pode resultar em um custo ainda maior a longo prazo, tornando esses investimentos essenciais para garantir a sustentabilidade do negócio. Mas então o que a gente faz?

Buscar por empresas parceiras, reconhecidas e que tenham a expertise no uso de tecnologias para o processo comercial no seu segmento de atuação. Devido a ca-

rência do mercado, hoje existem soluções financeiramente muito viáveis para qualquer tipo de negócio.

A eficiência no processo de captação de alunos é fundamental para a sobrevivência das instituições de ensino de pequeno e médio porte, especialmente em um mercado altamente competitivo.

A gestão profissional do processo comercial possibilitará com que a sua instituição continue competitiva.

Considerando esse cenário, a sua instituição tem o processo comercial suportado por tecnologia e dados? Você tem KPIs claros para fazer a gestão do seu processo de captação e retenção de alunos? É um bom momento para refletir sobre como sua instituição está lidando com esses desafios e o que pode ser feito para alcançar maior eficiência para captar e reter seus alunos.



O uso de sistemas de gestão permite um controle mais preciso sobre o fluxo de leads, conversões e resultados de campanhas de marketing

Com a palavra

Michel Klymus

MK investe em ampliação

Cristine Pires

cristine.pires@jornaldocomercio.com.br

Ao comemorar 30 anos, a MK Life – empresa gaúcha especializada em equipamentos odontológicos – inaugurou uma nova sede no bairro 4º Distrito, em Porto Alegre. Com um investimento de R\$ 15 milhões, a empresa dobrou sua área de 1 mil m² para 2 mil m² para atender à crescente demanda. “Nossa capacidade estava estagnada por falta de espaço”, explica o CEO, Dr. Michel Klymus. A ampliação inclui um novo centro de distribuição, laboratórios e aumento na linha de produção. No entanto, em função da enchente que atingiu a região, a sede está temporariamente fechada, pois o andar térreo foi totalmente coberto pela água.

Fundada em 1993 para fabricar produtos de prótese, a MK Life rapidamente se destacou pela qualidade e tecnologia. Em 2009, adquiriu uma indústria de endodontia da Alemanha, consolidando-se como líder no Brasil. Atualmente, a empresa também importa materiais de países como República Tcheca, EUA, Itália, Alemanha e Suíça.

Dr. Klymus, doutor em endodontia pela USP, mantém a liderança da empresa investindo em pesquisa. A nova sede terá uma sala de treinamento para capacitar dentistas com as mais avançadas tecnologias de tratamento de canal. A MK Life também realizará cursos de endodontia mecanizada para o SUS, melhorando a qualidade e agilidade dos tratamentos. Uma parceria com a Prefeitura de Porto Alegre já reduziu a fila de espera para tratamentos de canal nos postos de saúde.

Com São Paulo e Rio de Janeiro como principais clientes, a MK Life expande sua área produtiva para desenvolver novos produtos nos segmentos de cosméticos e saneantes odontológicos, atualmente produzindo 60 mil unidades por mês.

Empresas & Negócios - Como MK Life iniciou suas atividades e quais foram os principais marcos em sua trajetória desde sua Fundação em 1993?

Michel Klymus - Começamos

em 1993 com produção de alguns equipamentos e produtos para prótese, para laboratório de prótese e também para acadêmicos. A gente atendia algumas universidades fabricando produtos da linha acadêmica, depois disso, percebemos uma necessidade no mercado por alguns produtos da área de dentística. E aí a gente iniciou o processo de importação. Trazíamos produtos dos Estados Unidos, da Alemanha, da República Tcheca e, logo em seguida, um terceiro marco importante da empresa foi quando compramos uma fábrica de instrumentos endodônticos na Alemanha, em 2010, e tivemos todo um processo de nacionalização dessa indústria, de trazer esses equipamentos para o Brasil, e iniciamos a produção própria dos equipamentos para endodontia aqui no País, sendo a primeira fábrica desse tipo de instrumentos no Brasil. A empresa foi se especializando nessa área cada vez mais e hoje nós somos líderes nesse segmento de endodontia no País.

E&N - Foi 1993. E aí depois o segundo marco foi em que ano?

Michel Klymus - Logo em seguida em 1994 ou 1995, nós começamos com as importações dos Estados Unidos, em 2011 nós compramos essa fábrica na Alemanha e aí começamos a fabricação dela em 2012 de produtos endodônticos aqui no Brasil. Em 2017, uma data muito importante para nós, foi quando introduzimos a nossa linha de instrumentos rotatórios da linha mecanizada.

EE&N - Com o recente investimento na nova sede em Porto Alegre, quais são os principais objetivos da empresa em termos de expansão e melhorias na li-

O grande caminho da odontologia é a digitalização. Cada vez mais está mudando para o digital, então, estamos desenvolvendo produtos justamente nesta área



Dr. Michel Klymus é o CEO da MK Life, empresa gaúcha especializada em equipamentos odontológicos

nhã de produção?

Klymus - Com essa nova sede num espaço melhor, também não só para os nossos produtos, mas principalmente para os nossos colaboradores, com instalações mais adequadas, mais conforto, aumenta também a capacidade produtiva e a capacidade de atendimento a uma demanda que nós tínhamos reprimida. Então, os laboratórios novos com a produção de novos produtos e a implementação de produtos na linha nós já temos.

E&N - Falaste em aumento na capacidade produtiva, em quanto será ampliada essa capacidade produtiva?

Klymus - A nossa ideia é em torno de 40% de aumento na capacidade produtiva.

E&N - E novos produtos, quais serão e quando devem chegar no mercado?

Klymus - Estamos em fases de registros e testes do Inmetro. Então nós já teremos agora nesse segundo semestre novos equipamentos disponíveis para os dentistas, como, uma bomba de solução de irrigação para tratamento endodôntico e também estamos em fase de registros de novos motores, toda uma linha nova ótica de lupas e também trabalhando com uma linha de tomógrafos.

E&N - Esses novos produtos devem chegar ainda em 2024 no mercado?

Klymus - Para o segundo semestre nós teremos essa linha ótica de lupas. Os tomógrafos é um projeto bem mais longo, que será para o segundo semestre de

2025. Em 2025, no primeiro semestre, nós teremos o lançamento da linha de scanners intra oral. **E&N - Como a MK Life pretende expandir sua atuação no mercado latino-americano, especialmente em países como Chile e Argentina e como o e-commerce está contribuindo para esse processo?**

Klymus - O e-commerce é muito voltado para o mercado nacional, porque a o atendimento desse e-commerce é diretamente para o consumidor, e o atendimento aos países latino-americanos, outros países do Mercosul, são realizados através de distribuidores. ...

E&N - Poderia explicar como MK Life está contribuindo para capacitar cirurgiões dentistas com tecnologias avançadas para tratamento de canal, incluindo os cursos de endodontia mecanizada?

Klymus - Por ser uma nova tecnologia, a MK Life acaba promovendo cursos de treinamento e de capacitação para os dentistas aprenderem a usar essa endodontia automatizada, esse tratamento de canal mais automático. A gente promove em diferentes cidades no País, principalmente cursos intensivos de três a quatro dias. Desde 2017 já demos treinamento para mais de 4 mil, a 5 mil dentistas no País.

E&N - Qual é o impacto da parceria realizada pela MK Life com a prefeitura de Porto Alegre para redução das filas de espera para tratamento de canal nos postos de saúde?

Klymus - Não só com a prefeitura de Porto Alegre, mas com muitas outras que adotam ou querem adotar uma endodontia mais moderna, um tratamento de canal mais moderno, mas não só relacionado à modernidade, mas ao tempo que se leva na realização de um tratamento de canal., eu ganho o dobro da capacidade de atendimento. A gente fez a capacitação de dentistas para utilização dos produtos e isso vai gerar um maior número de pacientes atendidos e diminuição pela metade da fila de espera do SUS.

E&N - Quais são os próximos passos da MK Life em termos de inovação e contribuição para o setor odontológico no Brasil e na América Latina?

Klymus - Eu acho que o grande caminho hoje da odontologia é a digitalização. Cada vez mais a gente está mudando, para uma odontologia digital, então, nós estamos desenvolvendo produtos justamente nessa área, como o scanner que eu havia comentado anteriormente. Depois, o segundo processo é a elaboração de aparelhos. Por exemplo, aparelhos ortodônticos e guias cirúrgicas que são feitos através de impressoras digitais, então isso também faz parte da odontologia digital. E a parte do tomógrafo, onde a ideia é que cada vez mais o dentista possa ter um tomógrafo no seu consultório ou na sua clínica e realizar a tomografia odontológica para exames do paciente direto no seu consultório, sem depender de um economia de custo também.



CIEE-RS mapeia necessidades de jovens e empresas para a retomada das atividades após enchentes

Os gaúchos terão um longo caminho para se recuperar da maior tragédia climática da sua história. Os impactos sociais e econômicos serão prolongados e é cedo para dimensionar os prejuízos.

O Centro de Integração Empresa Escola do Rio Grande do Sul (CIEE-RS) está mapeando a situação dos mais de 50 mil jovens ativos nos programas de estágio e aprendizagem. Cerca de 10% residem em áreas atingidas. Os técnicos estão entrando em contato direto com eles e com os empresários para identificar as demandas mais urgentes. As informações coletadas até o momento revelam um cenário crítico.

A instituição registrou uma pequena queda no número de vagas disponíveis ou ativas. "O momento era de crescimento, de abertura de novas oportunidades. E agora estabilizou. Mas diante da situação que estamos vivendo, percebemos que muitas empresas estão fazendo um esforço para manter seus estagiários. Isso é muito importante para a reconstrução do Rio Grande do Sul neste momento em que os estudantes e suas famílias mais precisam", pontua o gestor de Estágios do CIEE-RS, Marcos Pan.

Uma certa estabilidade nas oportunidades disponíveis de estágio e aprendizagem é considerada um alento diante do cenário crítico do RS.

De acordo com o gestor de Aprendizagem e Desenvolvimento Social, Gustavo Etcheverry, os encontros de acompanhamento semanal foram mantidos, mesmo que de forma remota, e o time de psicólogos do CIEE-RS está atuando no acolhimento dos jovens. "As medidas, nesta primeira etapa, são de auxílio imediato em relação às necessidades identificadas: atendimento médico e psicológico, doação de roupas, alimentos e produtos de higiene, colchões etc. Mas também estamos pensando no futuro, para dar suporte para que os aprendizes e empregadores retomem suas atividades e com o mínimo possível de danos", explica.

Lembramos que você pode fazer parte da reconstrução do estado. Acesse www.cieers.org.br/ajuda-rs e saiba como ajudar.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000



Acompanhe as nossas novidades



Finanças

O Verdadeiro Ca\$h tem uma abordagem humanizada em relação ao mundo das finanças. Aqui, serão encontradas dicas, insights e reflexões sobre questões do dia a dia da vida financeira, de maneira prática, numa linguagem simples e direta.

Temas como financiamento imobiliário, previdência privada, seguros, uso inteligente do cartão de crédito, endividamento, bolsa de valores, orçamento, finanças para casais, para crianças, investimentos, empréstimos, comportamento e hábitos para levar uma vida financeira mais saudável. Um gama de assuntos presentes no cotidiano e que geram dúvidas para diversas pessoas.

Um verdadeiro manual para quem quer gerir melhor a vida financeira. Não somente números, mas também comportamento, mentalidade e escolhas, que ao longo dos anos pode ser o melhor caminho para uma mudança consistente.

Não é sobre valorizar o dinheiro e as coisas materiais, mas entender como ele funciona e as formas de equilibrar o que é necessário para as nossas conquistas e realizações. Leandro Trajano explica que o equilíbrio que nos proporciona viver muitos dos momentos e valores que cada um tem na vida, eternizando histórias e tendo experiências que uma vida financeira verdadeiramente bem planejada pode proporcionar.

O Verdadeiro Ca\$h; Leandro Trajano; Alta Books; 272 páginas; R\$ 69,90; Disponível em versão digital.



Gestão e Liderança

Adotar a inovação sempre foi uma marca da carreira de Jay Samit. Seja ao criar um mercado para estoque digital de fotografias livres de direitos autorais, seja ao tentar fazer as grandes gravadoras adotarem novas estratégias de distribuição digital, Jay sempre viu a disrupção tecnológica como uma força positiva. Ele sempre procurou maneiras de criar novos mercados; apresentar novos produtos, serviços e operações; e aumentar a base de consumo.

Não importa qual seja o setor de atividade, as tecnologias que mantêm um negócio irão mudar. Os consumidores vão exigir novas soluções. Os concorrentes vão mudar de estratégia. Para alguém continuar relevante, é preciso manter-se em permanente evolução. Isso significa comprometer-se com uma vida de aprendizado e crescimento profissional, uma vida de adaptação estratégica.

Para navegar com êxito no atual cenário profissional, é preciso entender as dinâmicas da disrupção. A maré da mudança se mexe com mais rapidez e força atualmente. Se não estiver pronto, ela o esmagará. Mas, como Jay ensina em Seja Disruptivo, é possível aprender a notá-la antecipadamente. Uma escolha é seguir a maré da mudança em vez de ir contra ela. E, quando fizer isso, a disrupção pode levar ao encontro de oportunidades, desafios criativos e prosperidade.

Seja Disruptivo; Jay Samit; Alta Books; 304 páginas; R\$ 78,00; Disponível em versão digital.



Empreendedorismo

Seja Visto e Lembrado é um manual para empresários que buscam encontrar seu caminho para o sucesso no mercado. Diferente de um livro técnico, este é um livro que, com uma linguagem simples e direta, aborda temas relevantes para que donos de pequenas empresas coloquem em prática ações que tragam visibilidade para suas marcas. As explicações sobre os canais de aquisição e os exercícios propostos permitem uma análise essencial e a escolha das ferramentas mais adequadas para cada empresa.

Além disso, apresenta a afinidade como outro ponto fundamental para o sucesso de uma empresa, com explicações detalhadas sobre os gatilhos mentais e os comportamentos esperados dos empreendedores de sucesso. Assim, é possível também identificar mudanças na linguagem ideal para que cada marca alcance seu público-alvo e pensar em novos comportamentos de aproximação, de maneira orgânica e eficiente, em curto e em longo prazo.

Ao longo de todo o livro, há exercícios que podem ser feitos por empresários de diversos segmentos, a fim de que identifiquem como estão suas marcas hoje e também percorram um caminho próprio rumo ao ponto ideal.

O objetivo, portanto, é ajudar empresários a olhar para a sua realidade, transformá-la e crescer no mercado, assim como aconteceu com Rafael Mendes e Mamá Brito, hoje líderes em seus segmentos.

Seja visto e lembrado; Rafael Mendes e Mamá Brito; Alta Books; 208 páginas; R\$ 62,90; Disponível em versão digital.

Responsabilidade social

Campanha do Instituto Unicred entrega doações para auxiliar vítimas das chuvas

» Entidade está empenhada em coordenar esforços para maximizar auxílio aos afetados

Matheus Trevizan
matheust@jcrs.com.br

Desde o início do mês de maio o Rio Grande do Sul vem enfrentando graves consequências das chuvas, que têm causado destruição em várias cidades e deixado um grande número de pessoas desabrigadas. Nessa situação, o Instituto Unicred realiza uma intensa campanha de arrecadação de recursos para auxiliar as famílias impactadas. A instituição entregou uma série de materiais aos pontos de recebimento indicados pelos governos locais. Segundo o Dr. Antônio César de Oliveira Cé, presidente do conselho de administração da Unicred Central Geração, em momentos delicados é vital que se foque em fontes de informação oficiais, principalmente pela exatidão e credibilidade. “Buscamos uma série de informações nas prefeituras municipais e na Defesa Civil sobre o que era mais importante, urgente e essencial, como água e materiais de higiene e limpeza, que foram nossas primeiras doações. Também alinhamos com os órgãos competentes sobre os pontos de distribuição mais estratégicos, para que esses produtos pudessem chegar com mais rapidez nas comunidades que necessitavam”, afirma o presidente do conselho de administração.

O Dr. Paulo Abreu Barcellos, presidente do Instituto Unicred, conta também que se teve total apoio do Sistema Unicred e o auxílio de grandes parceiros, que se dividiram na pesquisa de preços e organização das compras. “Em poucos dias já estávamos entregando as primeiras carretas com as doações. Isso demonstra na prática o que é a essência do cooperativismo”, salienta.

Atualmente, a entidade está empenhada em coordenar esforços para maximizar o auxílio às vítimas dos recentes desastres. Com a arrecadação registrada até o momento, foram realizadas aquisições e entregas de 52 mil litros de água e kits higiene e limpeza compostos por 2 mil tubos de pasta de dente; 2 mil escovas de dentes; 2



INSTITUTO UNICRED/DIVULGAÇÃO/JC

Mobilização já garantiu repasses de lotes de água, materiais de higiene e de limpeza; agora, a meta é disponibilizar cobertores e alimentos às vítimas

mil shampoos e cremes; 2 mil barras de sabonete; 2 mil pacotes de papel higiênico; 2 mil cobertores de casal; 2 mil detergentes; 2 mil unidades de sabão em pó; 2 mil unidades de água sanitária; 1560 vassouras; e mil baldes.

O frio intenso que se aproxima também evidenciou outras necessidades de doação, como a de cobertores. Dr. Cé explica que apesar de não estarem sendo solicitados com maior urgência, com base na previsão do tempo, decidiram focar nesse item. “Sendo assim, conseguimos ganhar tempo para as primeiras entregas, que foram de 7 mil cobertores e coincidiram com a baixa das temperaturas. Entre 20 e 24 de maio tivemos mais 20 mil unidades de cobertores sendo entregues” destacou.

Atualmente, os cobertores estão sendo distribuídos nas cidades de Alegrete, Arroio do Meio, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul, Canoas, Caxias do Sul, Cruzeiro do

Sul, Estrela, Igrejinha, Lajeado, Montenegro, Muçum, Novo Hamburgo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, São Leopoldo, São Lourenço do Sul e Santa Maria.

Outra necessidade muito importante nesse momento delicado é a de alimentos. Por isso, viabili-

Será necessário apoiar todos que de alguma forma sofrem com as enchentes, e tudo o que elas trouxeram, por muito mais tempo

zar uma alimentação de qualidade vem sendo um dos grandes objetivos da campanha. “Sabemos que alguns abrigos sofrem com a falta de alimentos, ainda mais com a estadia prolongada de algumas famílias que não conseguiram retornar para suas casas ou as perderam

definitivamente nesta tragédia”, afirma Cé.

No momento, já foram distribuídos 240 quilos de alimentos para a Federação Nacional de Cultura (FENAC) de Novo Hamburgo e 3 mil cestas básicas ao Banco de Alimentos, que atende regiões de todo estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, Dr. Cé destaca que todas as cooperativas atuantes no território gaúcho contribuem e participam efetivamente da campanha desde o início, atuando também no levantamento de prioridades e necessidades de suas regiões. Em relação às próximas ações que estão sendo planejadas, a intenção é também inovar em ações e estender esta corrente de solidariedade enquanto for possível.

“Será necessário apoiar todos que, de alguma forma sofrem com essas enchentes, e tudo o que elas trouxeram, por muito mais tempo”, ressalta Barcellos.

Para quem deseja ajudar, ele

reitera que a campanha sistêmica para arrecadação de recursos para auxiliar as famílias impactadas segue em andamento, visando subsidiar o atendimento das necessidades mais emergentes das regiões afetadas e auxiliar na recuperação das cidades e no acolhimento das famílias.

A campanha está aberta ao público. As doações, em qualquer valor, podem ser feitas pela chave Pix: instituto-rs@unicred.com.br.

Barcellos afirma que o Rio Grande do Sul precisa de união para passar por essa, que já é a maior tragédia climática da história do Estado.

“Somos gratos ao nosso Estado, ao povo gaúcho, e é de grande importância retribuirmos, ainda mais neste momento” diz.

A instituição pretende, por meio de ações e de seus projetos e programas, auxiliar no que for possível para que o Rio Grande do Sul volte a ser forte e pujante.

REPORTAGEM ESPECIAL



NELSON ALMEIDA/AFP/JC

Alto volume de chuvas e cheias de rios e do Lago Guaíba acarretaram a maior enchente da história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre; na imagem, armazéns do Cais inundados na Capital

Emergência climática demanda mudança nos parâmetros de risco

» *Preparação para desastres pode significar uma capacidade mais ágil na retomada dos negócios*

Lívia Araújo, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul, atingido pelo pior desastre climático de sua história, ainda mal começou a “juntar os cacos” dos destroços de suas cidades e atividades econômicas. A água das inundações ainda sobe no Sul do Estado e não voltou ao seu nível normal na Região Metropolitana de Porto Alegre em mais de 20 dias desde o início das chuvas sem precedentes que caíram no Estado no mês de maio.

No entanto, mesmo em meio a essa tentativa de se reerguer, empresários de todas as regiões do RS e todos os portes já convivem com a perspectiva de que essas ocorrências façam parte de um “novo normal”: de um estado permanente de emergência climática, que alonga a duração e intensifica as características dos fenômenos que os gaúchos conhecem bem, como vendavais, estiagem e as próprias inundações; e trazem novos desafios, como a pandemia de Covid-19 e a ocorrência de doenças que eram pouco comuns na

Região Sul, como a dengue, e que agora se prolifera com rapidez.

Essa realidade inevitável e assustadora coloca sobre os ombros de toda a sociedade civil a responsabilidade de se antecipar à próxima catástrofe climática que assolará o RS – e que ninguém sabe exatamente quando acontecerá –, por meio de ações que, ainda que não possam evitar a ocorrência desses fenômenos, têm o propósito de mitigar danos e garantir mais segurança ao funcionamento da sociedade, salvando não só vidas, mas também permitindo a

continuidade das atividades econômicas e vocações do Estado.

“Tenho a impressão de que o empresariado, de um modo geral, ainda não incorpora muito a noção de risco em suas decisões”, opina o engenheiro Guilherme Fernandes Marques, que coordena o Núcleo de Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos do Instituto de Pesquisas Hídricas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). “Muitas pessoas habitam e investem em áreas cujos riscos elas desconhecem. Isso precisa ser melhor entendido e ab-

sorvido, assim como a relação desses riscos com a cadeia produtiva das regiões do Estado”, pontua, a exemplo dos próprios reflexos que os danos nas empresas atingidas pela enchente de maio gera para outros setores não diretamente afetados nas inundações.

A diminuição na frequência de ocorrências de clima severo não só no RS, mas no Brasil e no mundo, sustenta Marques, “está trazendo outra perspectiva de risco para os negócios, e o setor empresarial precisa entender melhor como ocorrem essas mudanças, para ter

a capacidade de mudar suas decisões”.

De acordo com o engenheiro, um parâmetro dessa necessidade se dá no chamado “período de retorno”, o tempo médio que se passa entre duas ocorrências extremas. “Isso precisa ser recalculado. Se a gente constrói uma ponte com 50 anos de período de retorno, agora terá de construir com menos, para dar mais segurança”, exemplifica, enfatizando que o risco precisa ser calculado já considerando as mudanças no clima, “porque elas já são reais”.

“Sem contar o último ano, nos últimos 124 anos foram quatro eventos de cheia extrema no RS. E aí, só nos últimos oito meses, tivemos três eventos. Isso mostra, de forma praticamente inequívoca, que já vivemos sob outra realidade de risco”, explica. “Dez anos atrás, se tinham preocupações diferentes. Era o mercado, era a crise na Ásia ou na China. Hoje, além de tudo isso, tem a questão do risco climático. Então acho que isso precisa ser mais claramente comunicado para a sociedade”, alerta.

A gestão de riscos e a prepa-

ração para desastres pode significar uma capacidade mais ágil na retomada dos negócios. Dados da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (FEMA) do governo dos Estados Unidos, que tem uma robusta rede de prevenção e mitigação de desastres, mostram que 40% das empresas não voltam a funcionar após serem atingidas por uma catástrofe; outras 25% acabam encerrando atividades no período de um ano.

No Brasil, ainda que o levantamento e gestão de riscos não sejam práticas desconhecidas para empresas de diferentes portes – em alguns casos, é pré-requisito obrigatório para obtenção de financiamentos ou no estabelecimento da tradicional Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), voltada à segurança física dos colaboradores –, os recentes desastres hidrológicos pegaram muita gente de surpresa.

Um levantamento conjunto realizado pela Câmara de Indústria e Comércio do Vale do Taquari (CIC-VT), Federasul, Sebrae e a Secretaria do Desenvolvimento Econômico (Sedec), em parceria

com entidades e prefeituras da região, logo após a enchente de setembro, mostrou que 71% das 1.428 empresas ouvidas não tinham um seguro que cobrisse os danos provocados pelo desastre. Ao mesmo tempo, 16% delas não tinham ainda uma estimativa de retorno das atividades.

“Isso nos serviu para buscar subsídios, e falar com os governos estadual e federal, com as seguradoras. Ela foi balizadora para entendermos a dimensão e profundidade dos danos. São dados muito importantes para ver se as empresas vão voltar a trabalhar, se têm condições de ficar (no mesmo local) e de se recuperar”, constatou Ângelo Fontana, presidente da CIC-VT e da Associação Comercial e Industrial de Encantado (Aci-E).

Fontana pontua que a última enchente, em maio, motivou a aplicação de outra pesquisa, ampliada, disponível para preenchimento de qualquer empresa gaúcha, com o objetivo de mapear todos os desdobramentos provocados pela tragédia.

O dirigente alerta que a incerteza que permeia as empresas do



Fontana destaca mapeamento dos danos das cheias no Vale do Taquari



Para Marques, frequência maior de ocorrências traz nova perspectiva de risco

Vale do Taquari, que já enfrentaram três eventos climáticos de grandes proporções, faz a entidade levantar a hipótese de incentivar a criação de condomínios industriais em outras cidades da região que sofreram com

as cheias em menor proporção. “Para poder acolher essas empresas, senão vai haver uma debandada enorme”, preocupa-se. “Mas a decisão das empresas agora não pode mais ser baseada na emoção, e sim na razão”, salienta.

Política de defesa civil precisa ser permanente, defende consultora

Ainda que o Brasil tenha regimentos bem elaborados de defesa civil e seja signatário de pactos internacionais como o Marco de Ação de Hyogo (2005-2015) e o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres (2015-2030), no País há dificuldade em estabelecer uma cultura e prática permanentes de prevenção e preparação.

A avaliação é da consultora autônoma Eloisa Maria Adami Giazzon, que já atuou no grupo de pesquisa Gestão de Risco de Desastres (Grid) e no Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (Ceped) da Ufrgs, além de ter integrado a equipe de elaboração da primeira etapa da proposta para o Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil.

“É generalizada no Brasil, com algumas exceções, uma atuação muito maior na resposta aos desastres, uma integração somente quando eles ocorrem. Porque aí todos os setores se mobilizam. Mas a gente vê que esse ciclo não é contínuo”, analisa. São políticas, segundo ela, cujos funcionamentos envolvem não só os diferentes órgãos e esferas de governo, mas toda a sociedade civil, incluindo empresas privadas e a população.

A especialista explica que as fa-

ses da gestão de risco de desastre envolvem prevenção, mitigação, preparação, resposta e reconstrução. “Esse ciclo engloba itens como planejamento urbano, mapeamentos, a legislação, capacitações de técnicas e o envolvimento de gestores presentes na própria comunidade, na sociedade. É uma dinâmica importante, principalmente neste momento que a gente está vivendo”, enfatiza.

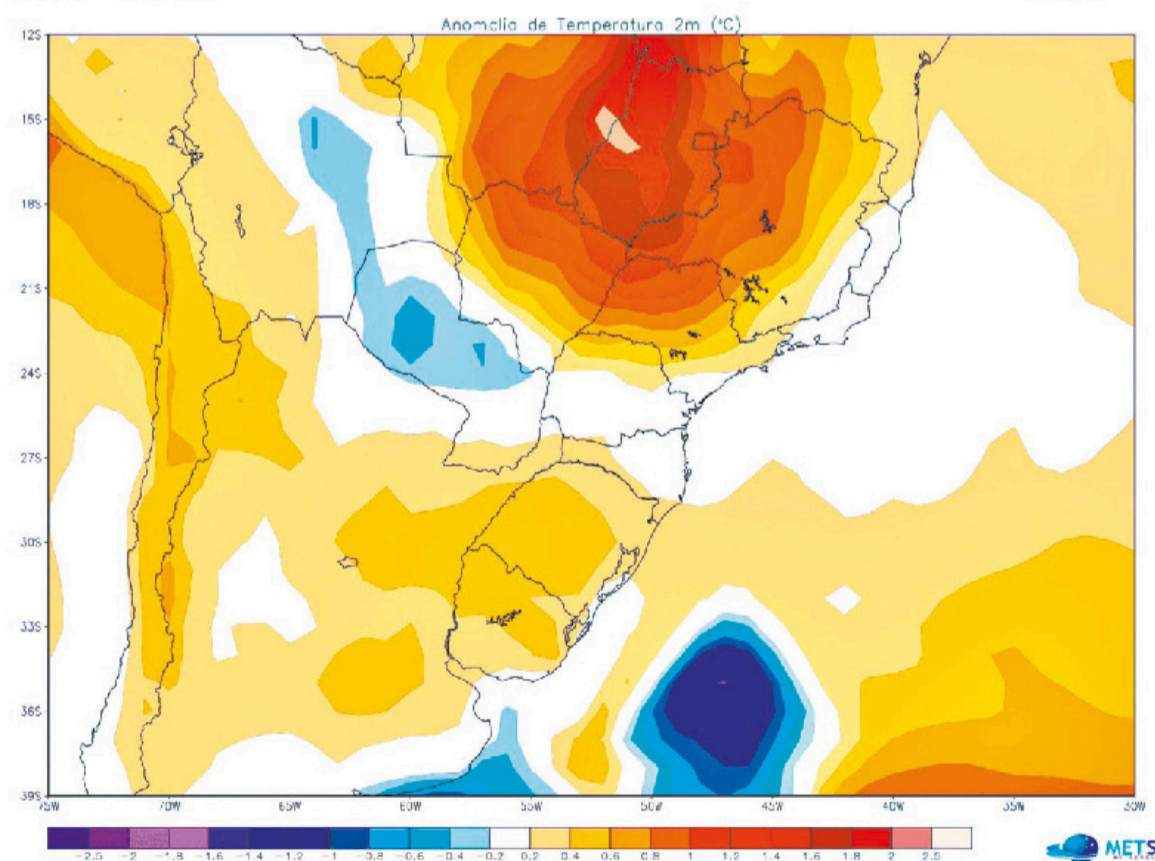
No âmbito interno das empresas, esse envolvimento muitas vezes se dá por meio do estabelecimento de um plano específico voltado a desastres, com o comprometimento de uma equipe responsável. “É algo que temos mais organizado na questão dos incêndios, por exemplo, com um grupo de brigadistas”.

De acordo com a consultora, além do mapeamento prévio dos riscos aos quais a empresa está sujeita, um plano de desastres aborda pontos como as condições da área física onde a empresa está instalada, as dinâmicas logísticas, as competências e funções de cada colaborador, para saber quais profissionais devem ser acionados diante de uma emergência e quais as movimentações e rotas de evacuação necessárias. “É o mesmo que um município tem de fazer

Rodada: ABRIL/2023

METSUL METEOROLOGIA/DIVULGAÇÃO/JC

MAIO/23



Haverá dias de frio no Estado, mas na maior parte predominam dias amenos, aponta a meteorologia

para cada tipo de desastre ao qual está sujeito”, compara.

Outra coisa importante, ressalta a consultora, é realizar simulados que envolvam todas as áreas

e colaboradores da empresa. “Esse é um bom treinamento para que todos os envolvidos compreendam como seria de fato a atuação no momento em que um desastre

está prestes a acontecer. Além disso, é preciso saber compreender os alertas”, adverte, em relação aos avisos emitidos pela defesa civil e órgãos meteorológicos.

Plano de desastres após cheia de setembro preveniu piores danos, mesmo com inundação maior

Livia Araújo, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

A elaboração de um plano especificamente voltado à possibilidade de mais uma cheia do Rio Taquari, após a tragédia ocorrida em setembro de 2023, possibilitou a uma empresa de Encantado evitar danos mais abrangentes mesmo com uma área ainda maior atingida pelas águas durante este mês de maio.

A iniciativa permitiu à Fontana, indústria do setor de higiene e limpeza que opera na cidade há exatos 90 anos, limitar as perdas de seu estoque acabado – produtos prontos para a distribuição logística – a 20% do total, mesmo com cerca de 90% das instalações da empresa engolidas pela água, além de menos danos em equipamentos de controle e outros itens. Em setembro, essa perda havia sido de 70%. É o que conta o diretor da empresa, Maurício Ecker Fontana.

“Nosso planejamento, que era de médio e longo prazo, está se tornando de curto prazo”, admite o empresário. Segundo Fontana, a indústria estava atuando de maneira paliativa para mitigar o risco apresentado pelas cheias de setembro e novembro, mantendo os estoques em outras áreas menos suscetíveis a inundações e para evitar perda total em outro evento de grande magnitude, explica.

Para tal, a empresa colocou em prática um plano para desastres

construído internamente, e com o comprometimento permanente de 15 colaboradores de diferentes áreas da Fontana. “Esse planejamento só não teve mais eficiência pelas quedas de barreira e interrupção de estradas de Encantado mesmo antes da enchente”, relata o diretor, pontuando a necessidade de mais aprimoramento na estratégia adotada.

Fontana detalha que a iniciativa resultou em um documento de 15 páginas com todos os detalhes e funções delegadas. “Tenho o responsável da engenharia que faz o contato com as prestadoras de serviço para a remoção dos itens, a área de expedição que solicita a coleta de produto acabado pelas transportadoras para nosso centro logístico em Teutônia, e assim por diante.”

Além dessa organização interna, a área ambiental da empresa ficou a cargo do acompanhamento dos índices pluviométricos pelos órgãos oficiais, com a elaboração de um boletim meteorológico interno – semanal quando não há ocorrência de chuvas e diário, quando há previsão de precipitação e tempestades.

“Se o rio chega a 8 metros em Santa Tereza, por exemplo, com um índice pluviométrico aumentando, significa que precisamos parar a produção de tais e tais setores, desmontar tais máquinas, remover tais equipamentos e recolocar os estoques em outros depósitos”, explica.



Fábrica de produtos de limpeza localizada em Encantado enfrenta alagamentos devido às cheias no Vale do Taquari

Já da porta para fora, Fontana acredita que é necessária uma movimentação da sociedade e governos para permitir a instalação de empresas em novas áreas industriais na região e no estado, menos suscetíveis a desastres, com a agilização da burocracia relativa a licenças, registros e outros trâmites que precisam estar de acordo com a legislação. Outra questão colocada é a necessidade de desassoreamento da bacia do Taquari. “Essa é uma realidade da qual se fala há mais de 40 anos, e que não evoluiu”, critica.



Fontana defende instalação de empresas em áreas menos suscetíveis a desastres

Êxodo de mão de obra é preocupação para as empresas afetadas

As consequências do clima severo e precipitações em excesso que vêm marcando o mês de maio no Rio Grande do Sul ocorrem em cascata: a interrupção da atividade de diversos setores impacta em todo o cenário econômico do Estado, interrompendo cadeias produtivas inteiras e colocando toda a sociedade “em suspenso”. Os gaúchos vivem a incerteza de como essa situação será remediada e superada, além do medo de novas ocorrências, já que é a terceira chuva de proporções catastróficas a atingir o RS no período de oito meses.

Um setor é especialmente sensível e frágil diante do trauma de

tantas perdas: o de mão de obra. “Mesmo que uma empresa não tenha sido atingida pela água, ela será afetada pelo impacto econômico da interrupção ou saúde de outras empresas, sem dúvida, porque o ecossistema de negócios que existe começa a se modificar e há a redução da disponibilidade de insumos, mas também de mão de obra”, observa o engenheiro Guilherme Marques, do Instituto de Pesquisas Hídricas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo Marques, esse é um ponto também a ser levado em conta em análises de risco que envolvem a mitigação de danos provocados por de-

sastres.

O presidente da Câmara de Indústria e Comércio do Vale do Taquari (CIC-VT), Ângelo Fontana, confirma a análise do pesquisador. Segundo o dirigente classista, o problema já começou a acontecer a partir da enchente de setembro, que causou danos extensos às empresas da região, e tende a se agravar com as cheias ocorridas em maio, que apesar do comportamento diferente, foram de proporções ainda maiores que em 2023. “Temos de dar um foco especial a isso”, pontua.

“Se a empresa não está empregando e não gera renda, as lojas não vão vender nada. Se tivermos

as empresas recuperadas, mas não houver força de trabalho, vamos para trás”, adverte. Por isso, pontua o empresário, um ponto importante na reconstrução do Estado, e intimamente ligado à recuperação da atividade econômica é a habitação. “Sem habitação e emprego, o êxodo acontece”. Além de defender o levantamento de locais mais seguros para a instalação de empresas, Ângelo crê que é necessária uma política de habitação que garanta áreas com menores riscos para a construção de moradia e investimentos em segurança pública.

A saída de trabalhadores é uma preocupação concreta tam-

bém para Maurício Ecker Fontana, diretor na Fontana, empresa de Encantado que atua na área de higiene e limpeza há 90 anos. “Temos mais de 15 funcionários da nossa fábrica que já passaram pelo RH e disseram: ‘olha, estamos indo’, e vão procurar outro local para viver. Uns vão para Teutônia, outros para Marau, e até outros estados. A gente tem de agir o mais rápido possível para dar uma garantia a essas pessoas”, prevê. “Se elas não tiverem mais condições financeiras e psicológicas de continuar morando na região, é um movimento que acaba acontecendo”, admite o empresário.

Enchentes obrigam ampliação de planos prévios de prevenção

AUGUSTO TOMASI/DIVULGAÇÃO/JC

No contexto da tragédia ambiental que se abateu sobre o Rio Grande do Sul e, até o fim da semana passada, vitimou 163 pessoas em todo o Estado, mesmo setores econômicos intimamente ligados à gestão do clima, como o vitivinícola, foram absolutamente pegos de surpresa com o volume pluviométrico registrado ao longo de maio.

“Sendo bem sincero, ninguém imaginava que haveria uma precipitação de 640 milímetros”, constata Alexandre Angonezi, diretor administrativo da Cooperativa Vinícola Garibaldi, que reúne mais de 450 pequenos produtores de uva em uma média de três a quatro hectares de vinhedos.

Ainda que a gestão de riscos climáticos seja uma atividade cotidiana para as vinícolas, os planos de resiliência ambiental e voltado a emergências terão

de ser revistos para incorporar a nova realidade climática com que o RS já convive e que gera incerteza em relação ao futuro. “A mudança climática figura entre as principais preocupações que temos. Algumas ações já são praticadas, outras ainda precisamos estruturar”, explica o executivo.

Mesmo assim, as medidas de resiliência e riscos da vinícola, partem do planejamento estratégico, que consideram conceitos de ESG, amenizam muitos dos danos que poderiam atingir as atividades da Garibaldi. “Temos nosso Comitê Geral de Governança, que trata dessas questões quando, por exemplo, se institui uma crise”.

Entre essas ações, está a pulverização da produção de uvas. “Estamos atuando em 18 municípios da região. Por essa distribuição mais abrangente, os riscos se diluem. Nessa situação de agora,

o levantamento de danos constatou 10 hectares de produção perdidos em um universo de 1.200 hectares de parreirais”, contabiliza. “Sabemos que se tivéssemos essa produção concentrada no local, e esse local fosse afetado, como aconteceu em outras vinícolas, teríamos um impacto muito maior.”

Outra iniciativa da vinícola é o estabelecimento de um vinhedo experimental que estuda o comportamento de mais de 60 variedades vitícolas de diversos países. “Uma das características buscadas está nas variedades resistentes, as variedades PIWI”, conta, apontando uvas menos propensas a infecção por fungos, por exemplo. Junto com isso, a empresa propaga entre os produtores cooperados técnicas para um manejo mais adequado de insumos, otimizando a produção



Pulverização da produção de uvas beneficiou vinícola Garibaldi, conta Angonezi

e aprimorando a qualidade. Além disso, a Garibaldi se baseia nas medições de três estações meteorológicas próprias.

“Também há três anos ministramos um curso de gestão da propriedade rural que engloba

entre seus módulos a gestão de riscos. É uma soma de fatores, reunindo conhecimentos internos e parcerias externas, que a gente procura adotar para podermos nos antecipar a eventos severos”, assegura Angonezi.

Estratégia de resiliência climática permitiu auxílio à comunidade durante a tragédia

A diferença que planos de resiliência e mitigação de desastres pode fazer diante de um evento climático e ambiental de grande magnitude pode significar não só a amenização de danos, mas possibilitar que a empresa seja um ponto de apoio à comunidade afetada por catástrofes.

Fundada em 1992, mesmo ano da Rio +92, a Quinta da Estância, em Viamão, voltada à área de ecoturismo e educação ambiental, tem uma política interna de resiliência que torna a propriedade, junto com a Estância das Oliveiras, dedicada à olivicultura e produção de azeites, autossuficiente no abastecimento

de água e energia. Isso possibilitou, além de permanecer livre de cortes de energia e água no período mais agudo das chuvas de maio, que a propriedade abastecesse caminhões-pipa para as comunidades em torno da fazenda e hospitais da Região Metropolitana, em um total de mais de 500 mil litros.

Segundo Rafael Goelzer, diretor de Relacionamento com o Mercado e também diretor na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul), as ações de resiliência, somadas a diversas iniciativas de preservação do meio ambiente e combate ao aquecimento global, representam 20% das despesas fixas da empresa mensalmente, desde o início.

“Desde 1992, a gente já começou essas ações com o plantio de árvores. Tínhamos uma região que, devido ao uso para pastagem animal, era desnuda e vulnerável às chuvas intensas. Então, neste período, ti-

vemos o plantio de mais de 60 mil árvores, entre matas nativas e ciliares, garantindo que nascentes e córregos se manterão mais íntimos. As raízes seguram a chuva, deixam o solo mais permeável e com mais capacidade de absorção de água”, explica.

Além disso, a instalação de uma unidade biológica de tratamento de efluentes tornou possível o consumo de água dos lençóis freáticos existentes sob a propriedade. Junto com a geração de 100% da energia elétrica por fontes renováveis e sua distribuição subterrânea, também sempre há energia disponível para a Quinta da Estância e a Estância das Oliveiras, em um fornecimento que não está sujeito ao principal fenômeno climático extremo que atinge a empresa: as ventanias, que costumam provocar interrupção com a queda de postes e fios de eletricidade. “Com isso, o bombeamento dos poços artesianos não foi interrom-

pido, garantindo a doação de água à comunidade”, celebra Goelzer.

Outro cuidado contra os ventos envolveu a construção das benfeitorias da propriedade em harmonia com as características do terreno, tornando as instalações mais resistentes.

Ainda que a conduta de longo prazo permita à empresa minimizar a possibilidade de danos, Goelzer pontua que a Quinta da Estância também possui uma estratégia voltada a emergências. “Em eventos com estruturas temporárias, que não suportam um clima extremo, temos um plano de evacuação para os prédios. Isso é necessário para o dia-a-dia, na proteção de nossa equipe que fica aqui a semana toda, os tratadores, tratoristas, etc.”, detalha.

Por fim, a empresa está protegida contra danos com o apoio de um seguro das estruturas da fazenda e que cobre fenômenos extremos.

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC



Goelzer destaca ações de preservação e mitigação de danos ambientais

* Livia Araújo é jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista. Já atuou nas redações da Gazeta do Povo, DCI e Jornal do Comércio e passou pela Diadorim Editora.

PLANO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS (PGRS),
ASSESSORIA EM LICENCIAMENTO AMBIENTAL E LAUDO DE COBERTURA VEGETAL.
ACESSE NOSSO SITE E CONHEÇA NOSSOS SERVIÇOS

51 99975.0551 | 99988.0104

www.nichosconsultoria.com.br



Gaúchos recebem ajuda de multinacionais

TRAGÉDIA NO RS » *Rhodia e Solvay doam 60 mil euros ao Rio Grande do Sul*

A Solvay, uma empresa química líder mundial, com sede na Bélgica, anunciou o seu compromisso em ajudar o Rio Grande do Sul, após as enchentes históricas que estão impactando profundamente a população e a infraestrutura de grande parte do Estado. A Solvay, que é representada pela Rhodia no Brasil, vai ajudar a população com a doação de 60 mil euros, que corresponde a quase R\$ 335 mil em conversão direta.

Desde o final de abril de 2024, o RS tem enfrentado muitas chuvas e inundações, o que levou o governo a declarar estado de calamidade pública em diversas cidades. As autoridades estimam que mais de dois milhões de pessoas foram afetadas e mais de 90% dos 497 municípios gaúchos foram atingidos, sendo que pelo menos 538 mil cidadãos estão desalojados e outros 78 mil em abrigos temporários.

“Estamos muito tristes com os últimos acontecimentos que estão impactando as comunidades do Sul do Brasil”, disse Philippe Kehren, CEO da Solvay.

“O Brasil e o povo brasileiros são muito importantes para nós e estamos comprometidos em colaborar durante este momento de

O Fundo Ernest Solvay apoia iniciativas na Bélgica e nos países onde a companhia atua, como o Brasil

necessidade. Por meio do Fundo Ernest Solvay, vamos doar 50 mil euros (aproximadamente 280 mil reais) ao governo do Rio Grande do Sul para que eles possam direcionar esses fundos para onde as necessidades são mais urgentes no momento”.

O Fundo Ernest Solvay apoia iniciativas na Bélgica e nos países onde a companhia atua nas áreas-chave de sua política de responsabilidade social corporativa, como educação em ciências, tecnologia, engenharia e matemática, além de progresso científico e desenvolvimento sustentável. É administrado pela Fundação King Baudouin. “Agradecemos muito o incentivo do Fundo Ernest Solvay”, disse Daniela Manique, CEO da Solvay/Rhodia para a América Latina.

“A unidade de negócios Coatis, da Rhodia, também vai contribuir



RODHIA/DIVULGAÇÃO/JC

Doações financeiras anunciadas pelo grupo belga ao Estado equivalem a cerca de R\$ 335 mil

com 10 mil euros (equivalente a 60 mil reais) para o Estado em apoio aos esforços e aos resgates”.

Além das doações financeiras, os empregados da Solvay no Brasil também estão prestando apoio a uma série de esforços voluntários a partir da coleta de água potável,

roupas (adulto e infantil), colchões, cobertores, travesseiros, lençóis, produtos de limpeza e itens de higiene pessoal, além de valores via Pix solidário para as vítimas.

O Brasil abriga a sede da Unidade de Negócios Global Coatis e opera sob a marca Rhodia, do Grupo

Solvay.

Aproximadamente 1.300 membros da equipe do grupo trabalham no Brasil, no local da sede da empresa (São Paulo), no centro de pesquisa e inovação (Paulínia) e nas unidades de produção (Brotas, Curitiba, Paulínia e Santo André).

Correios arrecadam mais de 15 mil toneladas de doações

Os Correios já receberam, desde 2 de maio, mais de 15 mil toneladas de doações para as vítimas das chuvas no Rio Grande do Sul, em 10 mil agências da estatal em todo o País. Desse total, mais de 3,5 mil toneladas já foram entregues via terrestre, por carretas, para a Defesa Civil do Estado do Rio Grande do Sul. O restante da carga está sob a gestão logística da empresa pública, que aguarda as orientações da Defesa Civil para novas liberações de donativos.

Os números foram divulgados pelo presidente dos Correios, Fabiano Silva dos Santos, em entrevista coletiva em Porto Alegre. O dirigente destacou a rede capilarizada dos Correios. “Os Correios são a única empresa pública, assim como o SUS (Sistema Único de Saúde) que está presente em todos os municípios do País e faz com que a gente tenha uma grande mobi-

lização da sociedade. Para nós, é motivo de alegria ajudar o povo gaúcho nesse momento de consternação.”

Os Correios têm feito gratuitamente o recebimento, a triagem, o transporte e a entrega de itens vindos de todas as regiões brasileiras com destino à sede da Defesa Civil, na capital gaúcha.

Silva explicou que devido à situação de alagamentos no estado gaúcho havia dificuldade de armazenar todas as doações. “Exige-se muita área física para que a gente possa gerenciar esse grande estoque e possa armazenar essa carga.”

O presidente da instituição anunciou a ampliação da capacidade de armazenamento de carga no Estado. “Conseguimos parcerias com empresas para utilizar estruturas da iniciativa privada para poder fazer esse armazenamento de mercadorias”, comple-

mentou.

O presidente dos Correios estima que a pretensão é ampliar a rede para trazer 500 toneladas de doações por dia ao Rio Grande do Sul.

Ele ainda agradeceu a rede de solidariedade que atendeu à chamada da campanha de doações dos Correios e mobilizou a sociedade para ajudar o povo gaúcho.

“Criamos uma rede de solidariedade que foi muito importante neste momento. Destaco o papel fundamental que têm as equipes de voluntariado. É uma campanha muito bonita. As pessoas passam até o final de semana fazendo toda triagem desse material para que a gente possa encaminhar aqui para o Rio Grande do Sul”, exemplificou.

Os Correios estão recrutando novos voluntários para ajudar na triagem de donativos nas cidades brasileiras.

O que doar

Por ordem de prioridade

- ▶ Os Correios não estão aceitando, temporariamente, as doações de vestuários, conforme entendimento com a Defesa Civil do Estado. A estatal estabeleceu uma ordem de prioridade para o recebimento de doações.
- ▶ Água e itens de cesta básica (verifique a validade de todos os itens e não doe se estiverem vencidos ou perto do vencimento);
- ▶ Ração para pet;
- ▶ Itens de higiene pessoal (escova de dente, creme dental, sabonete, absorventes, papel higiênico e fraldas infantis e geriátricas);
- ▶ Itens de limpeza (secos, como sabão em barra, sacos de lixo, panos de limpeza, luvas, escova de limpeza, esponjas).

Para facilitar a triagem das doações

- ▶ Cestas básicas devem ser entregues já fechadas ou com os alimentos reunidos em sacos transparentes.
- ▶ O ideal também é que os itens de higiene pessoal sejam entregues já reunidos em kits, em sacos transparentes.
- ▶ Separe os itens por categorias e coloque em caixas ou sacolas que podem ser fechadas/amarradas.
- ▶ Coloque em caixas ou sacolas com boa vedação, com cuidado para não haver rasgos ou furos.

As doações podem ser realizadas em todas as mais de 10 mil agências dos Correios do Brasil para serem transportadas, gratuitamente, para a Defesa Civil no Rio Grande do Sul. O endereço e o horário de funcionamento das agências podem ser conferidos neste site.

Veja como manter um bom capital de giro

FINANÇAS » Segundo o Sebrae, 29% dos MEIs falham em cinco anos de operação

Imagine a seguinte história: uma apaixonada confeitadora que sonhava em compartilhar suas criações culinárias. Depois de anos aperfeiçoando suas receitas e construindo uma base de

clientes leais em sua comunidade local, ela decidiu avançar e transformar sua paixão em um negócio em tempo integral. No entanto, no decorrer do trabalho ela enfrenta um obstáculo: a gestão do capital

de giro, ao equilibrar o fluxo de caixa necessário para comprar os materiais e produtos essenciais para a sua produção.

Segundo um estudo realizado pelo Sebrae sobre a taxa de sobrevivência das empresas no Brasil, o microempreendedor individual (MEI) é o que apresenta a maior taxa de "mortalidade" de negócios, com 29% dos empreendimentos fechados em até cinco anos.

O levantamento realizado pelo Mapa de Empresas, do governo federal, revelou que em 2023, foram fechadas 1.818.486 microempresas e empresas de pequeno porte. De janeiro a abril de 2024 já foram contabilizadas 533.480 extintas. Falta de preparo pessoal, planejamento e fatores adversos ao negócio, como gestão inadequada e pandemia são apontados como os principais fatores.

Para orientar profissionais a superarem os desafios, André Bernardes, CEO e co-fundador da Zippi, fintech que oferece capital de giro semanal no Pix, para micro e pequenos empreendedores, sugere seis dicas para um planejamento financeiro sólido e que vão manter a saúde em alta do seu negócio. "Estamos empenhados em ser parceiros ativos nessa jornada, oferecendo não apenas soluções financeiras, mas também orientação e suporte para ajudar microempreendedores a realizarem os seus sonhos", comenta o CEO.

Confira as orientações dadas pelo especialista:

Isso significa entender as entradas e saídas de dinheiro, prevendo as necessidades de capital de giro e ficando de olho em possíveis problemas antes que eles

apareçam.

Encontre o equilíbrio entre ter produtos suficientes para seus clientes e não exagerar nas compras, o que pode prender o dinheiro em mercadorias paradas.

"Usando o exemplo da confeitadora que citamos acima, imagine uma data sazonal em que ela vende muitos doces, ela precisará de mais matéria prima, certo? Isso, consequentemente, resulta em um maior investimento em produtos, ao contrário de períodos com menos vendas, em que, muitas vezes, acaba sobrando material. Se ela fizer uma análise das datas do ano que venderá mais, ela saberá quando será necessário um investimento maior. Desta forma, é possível fazer um controle mais eficiente dos gastos com produtos e, automaticamente, do controle sobre o fluxo de caixa", explica André".

Dicas

■ Negocie com os fornecedores

Estender os prazos de pagamentos e até negociar descontos com os fornecedores são práticas que ajudam a manter o capital de giro saudável, permitindo que o empreendedor retenha o dinheiro em caixa por mais tempo. É aqui que o Pix entra em cena, transformando essa negociação em uma vantagem ainda mais tangível, uma vez que o comerciante consegue uma vantagem para negociar melhores descontos, já que o fornecedor receberá à vista, sem os descontos de taxas de maquininha. Com essa modalidade de pagamento se obtém melhor flexibilidade financeira para investir em áreas estratégicas do negócio.

■ Fique de olho nos custos

Monitorar e controlar os gastos é fundamental para garantir que o capital de giro não seja desperdiçado. Em um cenário econômico dinâmico e competitivo, onde cada centavo conta, a habilidade de gerenciamento torna-se uma posição estratégica para garantir saúde financeira e o sucesso a longo prazo. Isso irá ajudar na preservação do 'caixa' e maximização dos recursos disponíveis.

■ Não coloque todos os ovos na mesma cesta

A diversificação das fontes de receita pode proteger o negócio de flutuações no mercado, garantindo um fluxo mais estável de dinheiro e mantendo

o capital de giro em boa forma.

■ Busque soluções externas práticas e seguras

A recorrência e a continuidade do negócio são fundamentais para a sustentabilidade e o crescimento de empreendimentos de pequeno porte. Enquanto muitos podem associar o sucesso empresarial a grandes injeções de capital, como empréstimos ou investimentos únicos, a realidade para muitos microempreendedores é a necessidade de um fluxo constante de recursos para manter suas operações em funcionamento e promover seu crescimento gradual. Nesse contexto, a Zippi desempenha um ponto importante ao oferecer crédito semanal via Pix. Esse modelo permite que os microempreendedores tenham acesso rápido, fácil e seguro direto do aplicativo Zippi, aos recursos necessários para operar seus negócios de forma contínua. "Essa abordagem é particularmente benéfica para microempreendedores, pois lhes oferece flexibilidade e escalabilidade. Os limites de crédito podem ser ajustados conforme o negócio cresce e suas necessidades mudam. Isso permite que os empreendedores respondam de forma ágil às demandas do mercado, aproveitando oportunidades de crescimento sem comprometer a estabilidade financeira de longo prazo", comenta o CEO da Zippi, André Bernardes.

DRAZEN ZIGIC/FREEPIK/DIVULGAÇÃO/JC



P R O G R A M A

banrisul reconstruir RS

Porque as nossas
empresas precisam
seguir em frente.

O Banrisul está lançando o maior programa de capital de giro dos últimos anos. São investimentos para que as empresas possam se recuperar e continuar gerando emprego e desenvolvimento.

O negócio é reconstruir

/ R\$ 7 bilhões para que os negócios possam se reerguer.

/ Mais capital de giro para indústrias, comércio, serviços, importações e exportações.

/ Criação da Conta Única Banrisul, um limite de crédito que as empresas podem movimentar quando quiserem.

Saiba mais em banrisul.com.br/reconstruir



banrisul
empresas